



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/08/2018 a 16/08/2018

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/08/2018	8,46	323,50	27,99	5,46	3,57
13/08/2018	8,53	327,80	28,24	5,33	3,56
14/08/2018	8,64	335,00	28,09	5,41	3,62
15/08/2018	8,57	329,50	27,88	5,32	3,61
16/08/2018	8,85	334,60	28,15	5,42	3,65
Média	8,61	330,08	28,07	5,39	3,60

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	84,50	2,4
RS - Santa Rosa	84,50	3,0
RS - Ijuí	84,50	3,0
PR - Cascavel	85,50	3,0
MT - Rondonópolis	76,00	0,7
MS - Ponta Porã	80,00	1,3
GO - Rio Verde (CIF)	80,00	6,7
BA - Barreiras (CIF)	72,00	2,1
MILHO		
Argentina (FOB)**	170,00	-2,3
Paraguai (FOB)**	142,50	6,3
Paraguai (CIF)**	190,00	4,1
RS - Erechim	43,50	1,2
SC - Chapecó	41,50	1,2
PR - Cascavel	36,50	0,0
PR - Maringá	36,50	1,4
MT - Rondonópolis	29,00	9,4
MS - Dourados	35,00	6,1
SP - Mogiana	41,00	2,5
SP - Campinas (CIF)	42,50	-1,2
GO - Goiânia	32,50	8,3
MG - Uberlândia	37,50	2,7
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	850,00	-5,6
RS - Santa Rosa	850,00	-5,6
PR - Maringá	1050,00	0,0
PR - Cascavel	1050,00	0,0

15/08/2018

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/08/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	35,74	76,35	41,13

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/08/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	41,88
Feijão (saco 60 Kg)	133,68
Sorgo (saco 60 Kg)	26,79
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,08
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,25
Boi gordo (Kg vivo)*	4,85

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, após sofrerem uma queda expressiva na sexta-feira (10/08), em função dos números apontados no relatório de oferta e demanda do USDA daquele mesmo dia, conseguiram se recuperar durante esta semana, fechando praticamente no mesmo nível de uma semana atrás. O bushel da oleaginosa, portanto, para o primeiro mês cotado, fechou esta quinta-feira (16) em US\$ 8,85, contra US\$ 8,87 uma semana antes. Agora, o interessante a relatar é que até o dia 15/08 a recuperação era tímida, com o bushel atingindo a US\$ 8,57. Na quinta-feira (16), o anúncio de que EUA e China estariam preparando uma reunião de conciliação de seu litígio comercial, para o final de agosto, fez o mercado subir fortemente.

Em primeiro lugar, temos a dizer que o relatório do USDA foi baixista, surpreendendo inclusive os mais pessimistas. O mesmo indicou uma produção de soja, a ser colhida nos EUA a partir do próximo mês, em 124,8 milhões de toneladas (um novo recorde histórico), contra 117,3 milhões indicados em julho. Já para os estoques finais estadunidenses, no final de 2018/19, o volume ficou em 21,4 milhões de toneladas, contra 15,8 milhões em julho. A futura produção do Brasil permaneceu projetada em 120,5 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina foi mantida em 57 milhões de toneladas. Enfim, as importações chinesas ficaram em 95 milhões de toneladas. Neste contexto, o patamar de preços médios para o produtor estadunidense de soja, em 2018/19, ficou estabelecido entre US\$ 7,65 a US\$ 10,15/bushel. O motivo principal do aumento estimado na produção está na elevação da produtividade média esperada para a atual safra, a qual atinge agora 3.470 quilos/hectare (quase 57,8 sacos/ha).

Em termos mundiais, o relatório elevou a produção global para 367,1 milhões de toneladas (+2,1% sobre julho), enquanto os estoques finais mundiais para 2018/19 estão agora projetados em 105,9 milhões de toneladas (os mais altos da história), contra 95,6 milhões esperados no final do atual ano comercial 2017/18.

Em segundo lugar, a partir destes números e da imediata reação negativa, o mercado assimilou as informações e considera que, talvez, a produção final estadunidense possa não chegar ao volume indicado. Isso devido a problemas climáticos em algumas regiões, embora os mesmos ainda não sejam tão intensos. Ao mesmo tempo, no transcorrer da semana que se seguiu ocorreram ajustes técnicos, com os operadores recomprando posições em Chicago após a forte baixa do dia 10/08.

Ajudou a este movimento as boas exportações semanais estadunidenses, apesar do conflito comercial com a China. Com isso, é provável que os EUA fechem o seu atual ano comercial, em 31/08, com mais de 56 milhões de toneladas exportadas. Por sua vez, os Fundos reduziram suas posições líquidas vendidas em 2.380 contratos, ficando com um total de 56.000 contratos na venda.

Por sua vez, as condições das lavouras estadunidenses pioraram, indicando, no dia 12/08, 66% entre boas a excelentes, 24% regulares e 10% entre ruins a muito ruins.

Em contraponto, o clima continua normal sobre as lavouras estadunidenses, ao mesmo tempo em que o preço de outras commodities recuaram fortemente (o cobre perdeu 4% no dia 15/08, enquanto o petróleo perdeu entre US\$ 2,00 a US\$ 2,40/barril, embora os estoques de petróleo estejam 11% abaixo do registrado em 2017 nesta época). Junto a

isso, a moeda dos países exportadores de grãos, caso do Brasil por exemplo, continuaram se desvalorizando bastante em relação ao dólar, fato que aumenta suas competitividades externas.

A partir de agora, a safra estadunidense de soja entra em sua fase final de desenvolvimento, com a colheita sendo prevista para iniciar na segunda quinzena de setembro em algumas regiões. Portanto, o clima ainda continuará sendo um fator importante de pressão sobre as cotações.

Em terceiro lugar, no final da semana surgiu a notícia de que China e EUA começariam a negociar, no final de agosto, seu litígio comercial. Esta notícia animou o mercado. Como já havíamos alertado em oportunidades passadas, se o litígio comercial sino-estadunidense for superado, o comércio entre os dois países volta ao normal e a soja ganha com isso. Assim, o bushel em Chicago se valorizou bem na quinta-feira (16). Resta, agora, ver se tal reunião realmente ocorrerá e quais as condições que ali serão negociadas.

Além disso, a Argentina anunciou durante a semana de que paralisará gradativamente a redução das taxas de exportação que incidem sobre seu complexo soja, fato que pode dificultar um pouco mais suas exportações, dando mais espaço ao Brasil e aos EUA no mercado mundial. Na verdade, diante da forte seca que atingiu a última safra do vizinho país, esta medida visa segurar a soja e seus derivados no mercado interno, visando garantir o abastecimento local e segurar a inflação.

Aqui no Brasil, diante da crise na Turquia, o Real voltou a se desvalorizar um pouco mais, atingindo a casa dos R\$ 3,90 durante a semana. Assim, os preços da soja melhoraram um pouco, mesmo com a queda em Chicago. Ajudou para isso a manutenção de prêmios elevados em nossos portos.

Desta forma, a quinta-feira (16) fechou com o balcão gaúcho na média de R\$ 76,35/saco (no ano passado, nesta época, o balcão gaúcho pagava R\$ 60,27/saco, ou seja, cerca de 16 reais a menos por saco), enquanto os lotes atingiram a R\$ 84,50/saco (R\$ 66,00 no ano passado). Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 69,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 85,50/saco no centro e norte do Paraná, passando por R\$ 76,50 em Chapadão do Sul (MS); R\$ 78,00 em Goiatuba (GO); R\$ 84,00 em Campos Novos (SC); R\$ 75,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 73,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Quanto aos prêmios para agosto, nos principais portos de embarque de soja do Brasil, os mesmos oscilaram entre US\$ 2,10 e US\$ 2,32/bushel.

Neste contexto, os preços da soja, comparativamente ao ano passado, continuam muito bons. Agora, grande parte disso se deve ao câmbio. Se o mesmo tivesse permanecido na média de março passado (R\$ 3,25), o saco de soja no balcão gaúcho, hoje, valeria ao redor de R\$ 64,20, ou seja, R\$ 12,15/saco a menos do que está valendo hoje na prática. É bom lembrar igualmente que o valor dos prêmios estão nestes níveis devido ao litígio comercial entre China e EUA, o qual aumenta o interesse pela soja brasileira. Um acerto entre os dois países tende a reduzir tais prêmios a patamares normais para esta época. Para comparação, no ano passado, nesta época

os prêmios oscilavam entre US\$ 0,70 e US\$ 1,22/bushel, ou seja, entre 47% e 67% mais baixos do que os valores atuais.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago pouco se alteraram em relação à semana anterior, apesar do relatório baixista do USDA, anunciado em 10/08. O bushel do cereal fechou a semana em US\$ 3,65, contra US\$ 3,69 uma semana antes. Lembramos que o litígio comercial entre China e EUA pouco influi sobre o mercado do milho. Assim, o anúncio de uma reunião de concertação entre os dois países igualmente pouco alterou a rotina deste mercado específico.

Dito isso, o relatório de oferta e demanda do governo estadunidense indicou uma safra nos EUA de 370,5 milhões de toneladas para 2018/19 (início da colheita em setembro), contra 361,5 milhões em julho. Ao mesmo tempo, os estoques finais estadunidenses de milho, para o novo ano comercial, ficariam em 42,8 milhões, contra 39,4 milhões projetados em julho. Neste contexto, o patamar de preços médios aos produtores de milho dos EUA, neste novo ano 2018/19, ficaria entre US\$ 3,10 e US\$ 4,10/bushel. Já a produção mundial de milho foi elevada para 1,061 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais somariam 155,5 milhões de toneladas em 2018/19. A produção brasileira total foi reduzida para 94,5 milhões, enquanto a da Argentina ficaria em 41 milhões de toneladas. Segundo ainda o USDA, o Brasil exportará 29 milhões de toneladas no novo ano comercial.

Por outro lado, as condições das lavouras ficaram em 70% entre boas a excelentes, com redução de um ponto percentual sobre a semana anterior. Já na semana encerrada em 02/08 as vendas líquidas de milho por parte dos EUA atingiram a 554.500 toneladas, ficando 33% acima da média das quatro semanas anteriores. Para 2018/19 o volume atingiu a 657.700 toneladas. O mercado esperava, na soma dos dois anos, um volume total entre um a 1,4 milhão de toneladas.

São esperadas boas chuvas para esta segunda quinzena de agosto nas lavouras de milho estadunidenses, fato que deve consolidar uma safra cheia. Assim, por enquanto não há fato novo que possa fazer a especulação adotar uma posição altista consistente em Chicago.

Aqui no Mercosul, a tonelada FOB de milho fechou a semana valendo US\$ 170,00 na Argentina e US\$ 142,50 no Paraguai.

E no Brasil, os preços do milho se mantiveram estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 35,74/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 42,50 e R\$ 43,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 25,00/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 42,00/saco em Videira, Concórdia e Campos Novos (SC).

Na prática, o mercado pouco mudou durante esta semana. Os preços continuaram com viés de alta em várias regiões do país, pois há evidente dificuldade na aquisição de milho por parte da demanda. Em São Paulo, por exemplo, os produtores não fixam

vendas mesmo com a alta ocorrida no balcão. Assim, o referencial Campinas chegou ao patamar de R\$ 45,00/saco CIF no disponível.

Ao mesmo tempo, o Real voltou a se desvalorizar de forma mais consistente, devido à crise na Turquia desta feita, o que auxilia em tornar nossas exportações de milho mais competitivas. Aliás, como estamos alertando desde o início do ano, o restante de 2018 será de grande volatilidade cambial em função da proximidade das eleições e da indefinição quanto a possíveis ganhadores da mesma.

Durante a semana o mercado cedeu um pouco, em uma acomodação considerada normal diante das fortes altas passadas, com o CIF Campinas fechando em R\$ 42,50/saco, enquanto a Sorocabana paulista ficou em R\$ 41,00. Registra-se um bom ritmo de embarques para milho do Mato Grosso e Goiás para outubro e dezembro. Por outro lado, com a manutenção de preços elevados na soja, não se vislumbra aumento de área a ser semeada com milho na safra de verão. Pelo contrário, mesmo com preços mais firmes, o cereal corre o risco de ter sua área reduzida.

Quanto às exportações, o Brasil embarcou 1,22 milhão de toneladas de milho na primeira quinzena de agosto, com nomeações de navios chegando a 4,1 milhões de toneladas para todo o mês. Ou seja, o ritmo das vendas externas começa a melhorar consideravelmente.

Para que ocorram baixas nos preços do milho nacional é preciso que o produto surja no mercado de forma continuada e consistente, algo que não está ocorrendo. Neste contexto, para as próximas semanas o viés de alta nos preços do cereal deve continuar, salvo alguma surpresa.

Enfim, vale ainda destacar que a colheita da safrinha de milho, até o dia 10/08, atingia a 85% da área semeada, contra 81% na mesma época do ano anterior, caminhando, portanto, para o seu final.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram nesta semana. De fato, o primeiro mês cotado, após alcançar um valor recorde nos últimos três anos (US\$ 5,74/bushel no dia 06/08), recuou bastante, chegando a US\$ 5,32 no dia 15/08. Todavia, no dia seguinte (16/08) o mesmo se recuperou um pouco, na esteira do anúncio de um possível acordo entre China e EUA, fechando o pregão em Chicago a US\$ 5,42/bushel, contra US\$ 5,64 uma semana antes.

Além da natural realização de lucros por parte dos especuladores em Chicago, o movimento de recuo se dá pela pressão da colheita nos EUA, apesar das quebras de safra existentes. Ao mesmo tempo, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/08, não trouxe grandes surpresas no que diz respeito à safra estadunidense. A mesma está mantida em 51,1 milhão de toneladas, com estoques finais, para 2018/19, em 25,4 milhões de toneladas (baixa de 1,4 milhão em relação a julho). Com isso, o patamar de preços aos produtores de trigo dos EUA fica projetado entre US\$ 4,60 e US\$ 5,60/bushel para 2018/19.

Por outro lado, em termos mundiais o relatório confirmou o sentimento do mercado, e reduziu a projeção de safra global de trigo. A mesma está agora projetada em 729,6 milhões de toneladas, contra 736,3 milhões em julho. Com isso, os estoques finais mundiais, para 2018/19, igualmente foram reduzidos, ficando em 259 milhões de toneladas. A produção do Brasil está projetada em 4,7 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina se manteve em 19,5 milhões, a do Canadá em 32,5 milhões, a da Austrália em 22 milhões e a da União Europeia foi reduzida para 137,5 milhões de toneladas. O Brasil, segundo o USDA, deverá importar 7,5 milhões de toneladas no próximo ano comercial 2018/19.

Dito isso, as vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, para o ano 2018/19, iniciado em 1º de junho, chegaram a 317.100 toneladas, ficando 5% acima da média das quatro semanas anteriores.

Ao mesmo tempo, as condições das lavouras estadunidenses de trigo de primavera melhoraram. No dia 12/08 as mesmas apresentavam 75% entre boas a excelentes (ganho de um ponto percentual sobre a semana anterior), 20% regulares e 5% entre ruins a muito ruins.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 235,00 e US\$ 255,00, na compra, enquanto a safra nova ficou cotada em US\$ 225,00.

Já no Brasil, os preços médios se mantiveram estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 41,13/saco, enquanto os lotes cederam para R\$ 51,00/saco, perdendo três reais em uma semana. No Paraná, os lotes giraram entre R\$ 57,00 e R\$ 63,00/saco, enquanto o balcão ficou entre R\$ 49,00 e R\$ 50,00/saco. Já em Santa Catarina, o balcão registrou valores entre R\$ 42,00 e R\$ 45,00, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 54,00/saco na região de Campos Novos.

Enquanto a colheita se aproxima no Paraná, a atual oferta está a cada dia menor em relação ao produto nacional, sendo que a demanda é satisfeita com as importações, especialmente procedentes da Argentina. Nesta semana, tais importações ficaram mais caras diante da desvalorização do Real, ajudando a segurar os preços internos em algumas praças.

Quanto à safra nova, as condições das lavouras no Rio Grande do Sul melhoraram um pouco graças a melhoria climática, porém, ainda se espera quebra de produtividade e qualidade no total da Região Sul brasileira (RS, SC e PR).

Mesmo assim, o viés de baixa nos preços já começa a se desenhar diante da iminência da entrada da nova safra nacional. Aliás, as primeiras lavouras colhidas em Minas Gerais, e os indicativos de preços para a futura safra gaúcha, catarinense e paranaense já mostram preços bem mais baixos do que os praticados até o momento, relativos à safra velha. Mas, a expectativa de quebra, mais uma vez, na safra brasileira, embora com intensidade menor do que a do último ano, já está fazendo com que os preços para a safra nova reajam um pouco. O termômetro disso tudo passa a ser o Paraná nas próximas semanas.

Neste quadro, os preços atuais indicados são apenas referências nominais, pois praticamente não há negócios.